

## CID, DUÍLIO KUSTER. *O SOBRADO*. 2. ED. VITÓRIA: CÂNDIDA, 2025.



(Foto de Mila Vallado)

Duílio Kuster Cid\*

Natural de Vitória (1981), onde resido, sou graduado e mestre em História (Ufes). Fruto da minha dissertação, publiquei, em 2013, *Revolução de Caranguejos: o teatro no Espírito Santo durante a Ditadura Militar*. Também possuo formação em teatro (Escola de Artes Fafi),

\* Mestre em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), é ator, dramaturgo e escritor, autor de *Revolução de caranguejos: o teatro no Espírito Santo durante a Ditadura Militar* (ensaio historiográfico, 2013); *O canto da crise* (poesia, 2018); *Ayla e Marmelo* (literatura para crianças, 2020) e *Melhor manter o escuro aceso*, obra em que se reúnem suas peças *A lenda do Reino Partido*, *Búffalo's show* e *Rubem Braga - a vida em voz alta* (dramaturgia, 2022).

tendo sido membro fundador de grupos teatrais longevos, como o Vira-Lata e o Folgazões, em que atuei como ator e dramaturgo. A maior parte das minhas peças foi reunida na coletânea *Melhor manter o escuro aceso*”, publicada em 2022. O texto teatral *Ayla e Marmelo* virou livro infantojuvenil em 2020, e voltou a ser peça (diferente da primeira versão) graças à montagem do Grupo Árvore, neste ano.

Publiquei também o livro de poemas *O canto da crise*” (prêmio do Edital Secult-ES – 2018) que chegou a receber uma crítica nesta revista, *Fernão* (SOARES, 2020), que tanto admiro. Crítica negativa, é verdade. Mas, pelo que entendi, criticada por seus aspectos políticos, e não literários. O que acabou me parecendo um elogio, ainda que às avessas.

Pois bem, falei das minhas publicações para dizer que *O sobrado* seria a primeira (antes dele, apenas poemas esparsos, que acabaram desaparecendo). O esboço inicial surgiu em 2010, quando me mudei para um antigo casarão localizado na rua Sete de Setembro, centro de Vitória. Para quem transita na rua, ele não parece mais do que uma porta que se abre para a calçada. Para mim, tornou-se a passagem para uma moradia de cômodos insólitos, espaço fértil para a imaginação.

Se esse foi o ponto de partida, contudo, a conclusão do livro só ocorreria anos depois, após uma sucessão de tentativas de publicação e, consequentemente, reescritas. Em 2017, foi aprovado num concurso literário promovido pela Universidade de Fortaleza (Unifor) e aceito para publicação por uma editora de abrangência nacional. Escolhi o concurso. Convidado pela instituição para presenciar o anúncio (até então, secreto) dos vencedores, fui surpreendido por um apagão na rede elétrica que afetou vários bairros, inclusive o *campus* onde ocorreria o evento. A organização ainda ensaiou um evento à luz de velas, mas o calor não permitiu. O resultado só foi divulgado no final de semana seguinte, sem a minha presença.

Conto essa pequena anedota (real), por entender que, simbolicamente, as trevas daquele dia anunciaram o destino daquela primeira edição de *O sobrado*. Recebi alguns exemplares. Não gostei muito do resultado final (papel branco, diagramação estranha, orelhas mais ainda...). Fiz um lançamento em Vitória. Vendi dois. E eram pessoas próximas. Então, desanimei. Nos anos seguintes, passei a distribuí-lo entre amigos, conhecidos e alunos (à época, era professor de História). E, sim, obtive retornos positivos e de gente que respeito.

Os exemplares acabaram. Mas ficou a sensação de que o livro merecia uma sobrevida. O amigo Alfredo, editor da Cândida, demonstrou interesse. E eis que *O sobrado* chegou à segunda edição (muito mais bonita que a primeira, diga-se de passagem).

O livro consiste num único e longo poema, dividido em doze partes, nomeadas a partir de um espaço externo e dos cômodos de uma casa: "Rua", "Escada", "Área de serviço", "Sala", "Cozinha", "Corredor", "Banheiro", "Escritório", "Quarto", "Jardim de inverno", "Varanda" e "Porão". Essa disposição não é aleatória, sugere ao leitor um caminho a ser percorrido.

Embora poético, o texto também apresenta traços narrativos, podendo ser lido como um conto-poema ou poema-conto. Há um personagem identificado como "ele", que caminha pela casa. E há também a *persona* da própria casa, que se manifesta com voz própria. Os espaços físicos são transformados em entidades vivas, como a rua que "sorri suas curvas" (CID, 2025, p. 13); a escada que é "a garganta que / inflama" (p. 28) ou o porão, como um "Estranho portal / na entranya final" (p. 113). Porém, o que está em jogo é menos a descrição de lugares, e mais a evocação de uma experiência existencial, marcada por tensão, desejo, abandono, ironia e crítica.

Ao longo dos versos, ecoam referências. Há, por exemplo, menções à literatura (“o purgatório perfeito / de Dante” [p. 30] ou o “[...] cortiço de Aloísio / recinto / de trabalho promíscuo, / com cheiro Azevedo de vinagre” [p. 35]); à mitologia (“Baco / na expectativa da tragédia” [p. 107]); à filosofia (“[...] na nietzschiana providência / onde Deus não entra” [p. 107]); à arte (“Área decorada / em estilo *art et décor*” [p. 36]) e à história (“[...] na ruína capitalista / de Cuba / do corrupto Batista” [p. 117-118] ou “[...] das trezentas mortes / dos guerreiros de Esparta” [p. 44-45]).

Formalmente, os versos são em geral brancos e livres, sem rimas fixas ou métrica regular. Mas há um ritmo próprio, sinuoso, que atravessa a obra e espelha o próprio sobrado, com suas frestas, ruídos e silêncios: “[...] tonturas travessas de / pesadelos sacanas / do útero de / lama / do velho Sobrado” (p. 119-120).

Gabriel Barbosa, no prefácio da edição, afirma — a propósito das referências clássicas no meu trabalho literário — que

No caso de Duílio, clássico é dado do jogo. É a possibilidade de subversão de propostas por uma nova criação sobre bases que nos pareciam muito sólidas. A navegação até o retorno de *O Sobrado* mostrou, a partir das produções dramáticas de Duílio e de seu segundo livro, *O Canto da Crise*, que as referências a uma cultura greco-latina, portanto clássica, não são um acaso, mas um projeto estético (2025, p. 9).

Essa observação traz uma perspectiva de conjunto do meu trabalho até aqui publicado.

Encerro esta pequena resenha com a certeza discreta de que a poesia de algumas moradas só se revela plenamente com o tempo. E que as vozes que ecoam dos seus cômodos, ainda que abafadas, seguem sussurrando.

**Referências:**

BARBOSA, Gabriel. Clássico é clássico em vice-versa. In: CID, Duílio Kuster. *O sobrado*. 2. ed. Vitória: Cândida, 2025. p. 8-9.

SOARES, Luis Eustáquio. O canto da crise, de Duílio Kuster Cid. *Fernão – Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo*, Vitória, ano 2, n. 3, p. 147-159, jan./jun. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/fernao/article/view/31399/20919>>. Acesso em: 12 set. 2025.

Recebida em: 10 de setembro de 2025.  
Aprovada em: 3 de outubro de 2025.